

Múltiplas visões da arquitetura.¹

Multiple views of architecture.

Fernando Guillermo Vázquez Ramos

*Universidade São Judas Tadeu. prof.vazquez@usjt.br

usjt

arq.urb

número 39 | abr - dez de 2024

Recebido: 04/10/2024

Aceito: 01/11/2024

DOI: [10.37916/arq.urb.vi39.769](https://doi.org/10.37916/arq.urb.vi39.769)



Palavras-chave:

Crítica de Arquitetura.
Arquitetura Moderna.
Arquitetura contemporânea.

Keywords:

Architectural Criticism.
Modern Architecture.
Contemporary Architecture.

Resumo

Análise e resenha do livro "Arquitetura e Realidade", escrito por Patrícia Pereira Martins e lançado pela editora Altamira, que foi selecionado como finalista para o Prêmio Jabuti 2024. O livro aborda aspectos teóricos ligados à história moderna e contemporânea da Arquitetura Ocidental, focando principalmente na produção europeia e norte-americana, mas com uma abordagem que considera a perspectiva latino-americana sobre esses processos.

Abstract

Analysis and review of the book "Arquitetura e Realidade", written by Patrícia Pereira Martins and released by the publisher Altamira, which was selected as a finalist for the Jabuti Prize 2024. The book addresses theoretical aspects linked to the modern and contemporary history of Western Architecture, focusing mainly in European and North American production, but with an approach that considers the Latin American perspective on these processes.

¹ O livro ao qual se refere esta resenha recebeu menção honrosa pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo na edição do Prêmio ANPARQ 2024.

Múltiplas visões da arquitetura

Situando os possíveis leitores

Fazer uma resenha de um livro tem a intenção de conectar um potencial leitor ou leitora à obra em questão. Geralmente, essa análise é feita de maneira concisa, focando no conteúdo do livro. No entanto, ao falar sobre "Arquitetura e Realidade", da professora Patrícia Pereira Martins (2023), quero adotar uma abordagem diferente, que desde já aviso que não será sucinta.

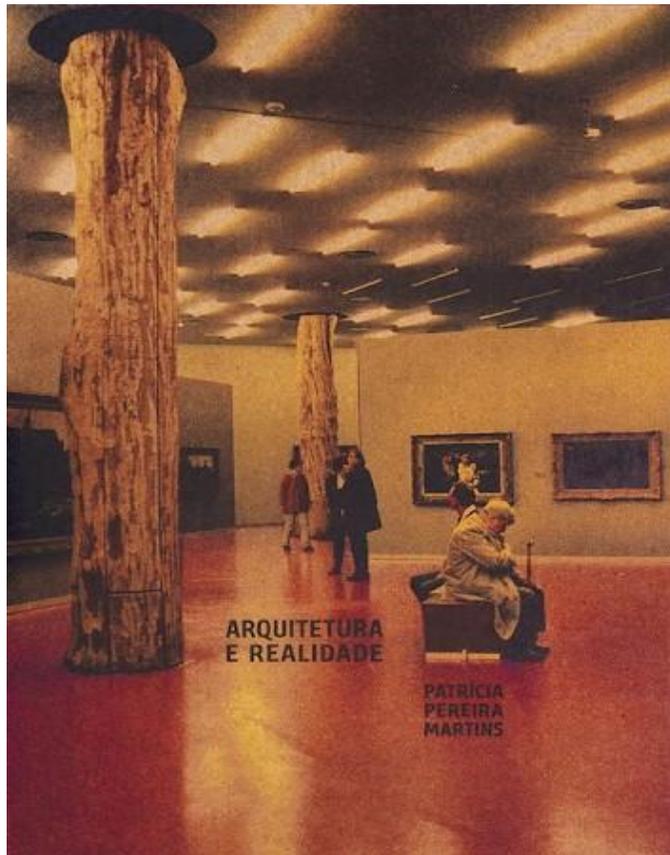


Figura 1. Capa do livro.

Gostaria de começar pelas circunstâncias e seguir pelo livro em si, isto é, pelo objeto “livro”.

Circunstâncias

As experiências de vida e o contexto a partir do qual nos expressamos — não apenas as questões amplamente discutidas, como gênero e raça, mas também o local da atuação, especialmente aquele que envolve o conhecimento — são essenciais para compreender a identidade desta autora, a maneira como se comunica e como elabora suas ideias de forma tão relevante.

Um ponto crucial para contextualizar a pesquisa de Patrícia Pereira Martins, que analisamos, é o contexto em que foi elaborada. Trata-se de um ambiente institucional: a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, onde a autora atua – leciona e pesquisa –, desde 2015. Este ambiente se entrelaça com outras faces de sua trajetória acadêmica, como o mestrado na Architectural Association School of Architecture (Londres, 1995), o doutorado na UNICAMP (2011) e o pós-doutorado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (2014). Essas experiências proporcionaram à autora acesso a uma ampla variedade de textos de diferentes origens e tendências, além de oportunidades valiosas para interagir com profissionais engajados no campo do conhecimento da história e da teoria da Arquitetura, o que significa relacionados com os aspectos da crítica e assim, da reflexão. Através dessas múltiplas interações, Patrícia Martins estabeleceu frutíferas relações e trocas intelectuais, como destacado nos agradecimentos, acumulando vivências que foram essenciais para a concepção deste livro que aqui temos o privilégio de comentar.

O livro

O objeto 'livro' apresenta um tipo diferente de problemática, mas considero essa abordagem, embora incomum, bastante pertinente. Neste caso, o objeto traz sinais precisos do que será lido e de como deve ser interpretado. A perspectiva adotada é mais próxima de Marshall McLuhan do que de Karl Popper, já que o está intimamente ligado à mensagem que ele carrega.

No caso em questão, o objeto é mais evidente do que a circunstância da escrita, que requer fontes para ser compreendida. Contudo, quando falamos do objeto livro, ele está aqui, em nossas mãos, comunicando-se diretamente. Ele não é neutro, insignificante ou simplesmente um meio físico que contém palavras impressas para serem lidas – e aqui estaria Popper. Parafraçando a própria autora, trata-se de uma forma expressiva que *segue a função textual que a define* – e aqui se encontra McLuhan.

O livro não é, portanto, um mero continente separado de seu conteúdo; ele se apresenta como uma forma expressiva, carregada de alegorias. Isso é particularmente interessante, já que a autora desenvolve uma reflexão sobre o afastamento entre as realidades formal e funcional, que, embora tenham começado juntas no início da modernidade, eventualmente se bifurcaram, chegando até a se estranhar ou desaparecer por completo. No entanto, não vamos adiantar. Voltemos ao livro, ao objeto.

O exemplar de 308 páginas mede 155mm por 225mm (uma variante do formato 160x230mm); um formato que demanda uma superfície de apoio para lê-lo confortavelmente. As margens generosas das páginas oferecem espaço para comentários, o que, de alguma maneira, incentiva a uma *leitura atenta (close reading)*. O papel, Pólen Natural 80 g/m², tem um acabamento fosco e rugoso, ligeiramente amarelado – como um documento mais antigo, histórico. A capa e a contracapa foram confeccionadas em papel Kraft 300 g/m², que lhes concede consistência. É elegante nos pormenores, com uma primeira orelha especiosa e ainda duas folhas de guarda no final. Desde o ponto de vista da cor, apresenta uma tonalidade acobreada que, combinada com a cor preta dos cortes, dá ao livro um aspecto maciço, firme. Há nele um desejo de coerência formal que impressiona.

Esse objeto aspira à permanência, à contundência do ser como forma: a forma de um livro *sólido*. Uma aposta da autora e do editor na complexidade e na contradição, pois o conteúdo do livro reitera a máxima marxista de que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Assim, um objeto *sólido* será o meio através do qual se contará a *dissolução* da arquitetura nas últimas décadas. Brilhante e inquietante.

As sugestivas imagens de capa e contracapa (Figura 2) são do interior do Kunsthall (1987) de Roterdã, na Holanda. Esse museu foi projetado pelo Office for Metropolitan Architecture (OMA), escritório fundado pelo arquiteto holandês Rem Koolhaas, que é o autor mais comentado no livro (80 das 277 páginas falam do OMA ou de Koolhaas) e também o que tem mais referências (12). Capa e contracapa são um *spoiler* subliminar do conteúdo.



Figura 2. Capa e contracapa do livro.

Na capa do livro, vemos o interior de um museu com algumas pessoas no centro da imagem. Em primeiro plano, um homem idoso, de aparência cansada, apoia-se em uma bengala. Ao seu lado, outro homem, parcialmente encoberto, observa um grupo de pessoas mais distante. Algumas mulheres caminham, analisando os quadros pendurados, enquanto os homens permanecem sentados no primeiro plano. Os quadros – praticamente apenas manchas negras – nada revelam, e a arquitetura da sala diz pouco, exceto pela presença marcante de uma coluna em forma de tronco à esquerda, que atua como uma espécie de introdução à cena à direita. Mas do que trata a cena? A posição das figuras femininas sugere que elas ocupam o papel central na arquitetura. Deixo aos leitores a tarefa de interpretar o significado do homem idoso e quase adormecido em primeiro plano. Na contracapa, a imagem se prolonga, também destacando uma mulher, acompanhada de um texto da professora Ruth Verde Zein.

O(s) texto(s)

A presença feminina nas capas vai além de uma simples alegoria: nos agradecimentos, a autora menciona o “compartilhamento do dia a dia com presenças queridas e conversas inspiradoras” de outras dez mulheres. A ênfase no feminino é reforçada pelo uso da grafia “arquiteto/a” ao longo do texto. Embora esse recurso possa interromper o ritmo da leitura, causando certo estranhamento, sua intenção é clara: convidar o leitor a refletir sobre o apagamento das mulheres no campo da arquitetura, e não apenas nele. Trata-se de um recurso retórico, cuja eficácia se evidencia ao observarmos que, no início, a autora adota “arquiteto/a”, com o masculino aparecendo primeiro – como ocorre convencionalmente no português e em outras línguas latinas. Ao final, no entanto, ela inverte para “arquiteta/o”, afirmando que as “ações de cada arquiteta/o estão indissociáveis de suas visões de mundo, que moldam ‘realidades’”. Isso resume a essência da obra.

A multiplicidade de sentidos na escrita não se limita às questões de gênero: ela se expande para a diagramação das páginas e imagens, e, principalmente, para as notas de rodapé, que conectam rapidamente o texto principal às informações adicionais, criando um metatexto. Isso é algo raro na crítica e na história da arquitetura no Brasil, áreas que quase sempre evitam esse recurso, assim como as editoras, que, de forma discutível, colocam as notas no final do livro. As notas de rodapé oferecem múltiplas interpretações e significados – paralelos, síncronos, superpostos, diagonais – que dialogam com as circunstâncias contemporâneas.

Dois textos curtos convidam à leitura. O da contracapa, da professora Verde Zein, anuncia o livro de “uma arquiteta brasileira e latino-americana” que examina criticamente “as relações entre forma e função”, salientando que o trabalho é “um esforço muito bem-sucedido de nos ajudar a compreender uma paisagem de alta complexidade” da arquitetura dos últimos 70 anos. O da primeira orelha, do professor Leandro Medrano (FAUUSP), destaca o esforço conceitual e crítico frente ao mundo contemporâneo, cujos modelos civilizatórios devem ser revistos, como de fato a autora faz.

O sumário revela o percurso que vai do funcionalismo à realidade contemporânea e seus anseios. No prefácio, escrito pela professora Ruth Verde Zein, há um alerta: estamos diante da “construção de um entendimento sobre arquitetura contemporânea”. Essa afirmação precisa capturar o cerne da obra, pois “entender” significa apropriar-se do sentido de algo que provoca inquietação – neste caso, a situação da arquitetura no mundo atual. Esse entendimento é construído através da

erudição, com uma vasta quantidade de conceitos e teorias de diferentes autores e épocas sendo trazidos à discussão. O cenário retratado é complexo, não apenas pelas obras e pelos protagonistas (com 173 entradas no índice onomástico), mas, principalmente, pelos conceitos e visões de mundo analisados, o que evita qualquer tendência hagiográfica. A autora não se limita a narrar uma sucessão de eventos históricos; em vez disso, aproveita para criar vínculos temporais que, de certa forma, os subvertem, sugerindo conexões mais amplas. Autores e autoras entram, saem e retornam à cena a partir do final da Segunda Modernidade.

É difícil determinar a origem da modernidade. O próprio conceito – assim como a palavra – assume hoje múltiplas interpretações, refletindo a complexidade do mundo contemporâneo, como já observaram críticos como Edgar Morin (*Introdução ao Pensamento Complexo*) e Mark Taylor (*The Moment of Complexity*), entre outros. No entanto, Martins não se perde nesse emaranhado conceitual; ela recorre a Jean-Nicolas-Louis Durand para localizar uma possível origem, no funcionalismo, estabelecendo um ponto no tempo e um ator representativo. Em apenas nove páginas, avança rapidamente até o século XX, ecoando a marca de nossa era: a velocidade. Mesmo com essa passagem breve, a autora explora a história recente, marcada pelas transformações ocorridas após a Segunda Guerra Mundial, uma dimensão temporal mais próxima e, por isso, talvez mais sensível ao nosso imediatismo. Dentro desse recorte temporal, há também um recorte espacial: Martins nos leva à Inglaterra dos anos 1950-1960, com o Novo Brutalismo, os textos de Reyner Banham e as obras de Alison e Peter Smithson. Ela também traz à discussão críticos e historiadores como Alan Colquhoun, Peter Collins e Giulio Carlo Argan, que compõem a primeira fase de sua pesquisa histórica. Completam o panorama personalidades da envergadura de Denise Scott Brown e Robert Venturi, analisados através dos escritos de Josep Maria Montaner. Assim, o primeiro capítulo se encerra com os temas do funcionalismo e racionalismo estruturando os debates sobre “forma e função”.

O capítulo 2 aborda o pós-modernismo, sem temer os rótulos. O termo, embora passível de críticas, representa um consenso que emergiu no último quartel do século passado e, portanto, faz parte de nosso conhecimento básico. O capítulo começa com a “demolição do conjunto habitacional de Pruitt-Igoe”, um momento que Charles Jencks eternizou como símbolo da morte da Arquitetura Moderna. Martins, porém, não se limita a essa alegoria. Ela explora o período imediato do pós-guerra (1950-1960) com uma abordagem que conecta duas frentes: Estados Unidos e Grã-Bretanha, ambos lados do Atlântico Norte. O ponto de convergência é a *pop art*,

que, nascida em Londres, encontrou terreno fértil nos Estados Unidos. Contudo, como "arquiteta brasileira e latino-americana", Martins tece reflexões do Norte com perspectivas do Sul, incluindo Hélio Oiticica e João Batista Vilanova Artigas. Junto aos Smithson – e ao grupo do Institute of Contemporary Arts – esses nomes são centrais na "resposta crítica" da arquitetura aos dilemas trazidos pela contracultura.

Fora do mundo anglo-saxão, e do brasileiro, surge a visão culturalista de um Aldo Rossi, e se aborda o "problema da história", sem esquecer as interpretações que desde os EUA trazem *autoras/es* como Venturi, Scott Brown e Steven Izenour, evidenciando as diferentes perspectivas impostas por contextos e circunstâncias. Patrícia Martins trabalha, neste sentido, quase que numa chave interpretativa que poderia ser atribuída ao filósofo espanhol José Ortega y Gasset.

O capítulo é interrompido pela introdução da figura e obra de Louis Kahn e o "problema do processo de projeto". A princípio, esse tema parece deslocado, até incômodo, mas logo encontra seu lugar na narrativa. A autora retoma as questões de forma e função, porém destaca a inversão desse axioma, dando primazia à função, que acaba por moldar a forma de maneira evocativa. Talvez ressoe aqui uma influência de Durand. Nas obras de Kahn, a autora identifica um processo de desconstrução dos princípios funcionalistas e racionalistas, que não apenas aumenta a complexidade do projeto, mas também sugere a eventual implosão desses preceitos.

O arquiteto inglês Cedric Price aparece como uma peça-chave no desenvolvimento da arquitetura contemporânea, com seu projeto *Fun Palace* (Figura 3) ocupando várias páginas deste e dos próximos capítulos. Martins o posiciona como um ator central na formação da arquitetura contemporânea, sugerindo que esse movimento talvez tenha começado com sua obra. Ela destaca o caráter de "equipamento" presente nos trabalhos de Price, ampliando a análise para outros grupos experimentais, como o britânico Archigram e os italianos Superstudio e Archizoom, além de comentar as obras de artistas como Constant Nieuwenhuys e Yona Friedman.

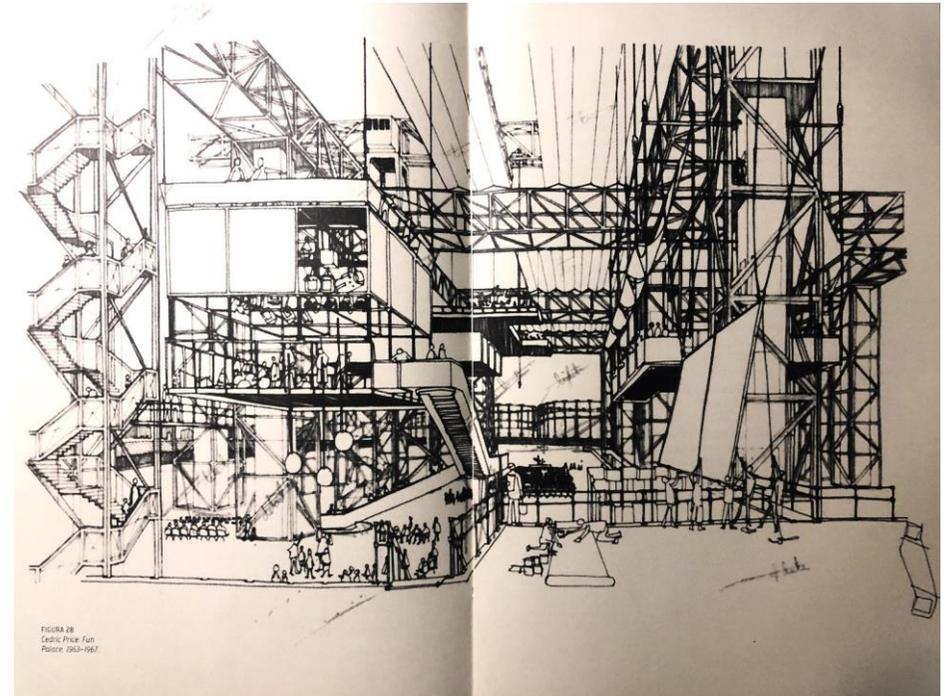


Figura 3. *Fun Place*. Cedric Price. Martins, 2023, p. 106-107.

"O problema da cidade" começa com as reflexões de Aldo Rossi e Scott Brown, Venturi e Izenour e deriva para as visões reveladoras de Koolhaas em seu livro sobre uma *Nova York delirante*, introduzindo o capítulo 3, onde se analisa "o declínio dos ideais". Entram aí os filósofos, estabelecendo a mudança de perspectiva teórica do modernismo para o pós-modernismo: Jean-François Lyotard, Félix Guattari, Gilles Deleuze. Depois dos movimentos de 1968, substituindo os historiadores, surgem os críticos: de Paul Virilio a Otília Arantes. Além de completar o quadro da complexidade, a inclusão desses pensadores emoldura a multiplicidade de "entendimentos", como afirma Verde Zein.

O ponto de partida é a *Strada Novissima*. Assim como Pruitt-Igoe é alegoria consensual para o fim da Arquitetura Moderna, a exposição italiana é a representação canônica do início do pós-modernismo. Mas os passos se aceleram, refletindo o tempo da própria contemporaneidade. O texto cobra uma dinâmica multissetorial e interdisciplinar. Surgem os novos movimentos, ou visões de mundo, que se

superpõem rapidamente; assim, em poucas páginas, passamos da *Strada Novissima* à exposição *Deconstructivist Architecture* (1988), do Museum of Modern Art (MoMA) de New York. E com o pós-estruturalismo chegamos às obras de Peter Eisenman, Bernard Tschumi, Frank Gehry e, novamente, Koolhaas e OMA.

A Arquitetura se desmaterializa. Sensação ou percepção evidente nas obras de Toyo Ito, Nicholas Grimshaw e Jean Nouvel. Mas o “pragmatismo dos programas complexos para a conexão com a realidade cotidiana do usuário, do contexto urbano”, surge como uma nova demanda – uma nova forma, antes da ação que da teoria. A ação direta imobiliza a teoria, cuja finalidade doutrinal é colocada em xeque pela realidade. Uma realidade que se multiplica e *se desmancha no ar*. As formas adotam um caráter “informal” ou “pragmático”, ou as duas coisas. Nada é estático e nada é independente no contexto da contemporaneidade, que achata a realidade ao mesmo tempo em que a hiperconecta. Outros atores entram em cena, demonstrando a vitalidade mas também a angústia, que a realidade contemporânea demanda: de Jackson Pollock, Lucio Fontana e Michel Tapié até, novamente, OMA.

Contudo, Martins não cai na cilada da história linear. Retoma, aqui e em outras partes, autores já discutidos, estabelece novas conexões não só conceituais mas de sentido e de interpretação. Não há superação, como prevê o ideário moderno, pelo contrário, a fantasia leva a experiências esquecidas, mas não extintas, como as de Price. Esse tratamento transversal da história, rompendo a sequenciação, é um dos grandes feitos do livro, é uma interpretação estimulante da abordagem proposta.

O capítulo 4 adentra o século XXI depois do ataque às torres gêmeas de New York. Entra-se no mundo virtual e digital, das comunicações e da informação. A tecnologia passa ao primeiro plano e oculta outras realidades cruas. Mas, no campo da arquitetura, filósofos e sociólogos (Bruno Latour, Jean Baudrillard, Laymert Garcia dos Santos, Gianni Vattimo e Jacques Rancière, entre outros) não arredam pé, e podemos ver através deles o novo comportamento social e cultural. O neoliberalismo é a moldura que enquadra a realidade, mas, para enfrentar esse novo desafio, Martins defende a ética como estrutura central no processo de questionamento e de crítica – que aparece com menos ênfase. Aqui talvez esteja mais do lado de Popper que de McLuhan. A ética procura regular e remete à ideia do coletivo, da comunidade e das formas de sociabilização. Novamente, Martins dá um salto e volta às experiências dos anos 1970, com o grupo Ant Farm, uma lembrança fascinante para que é mais velho, e as ideias de Richard Buckminster Fuller, para tentar entender os desdobramentos contemporâneos traçando pontes que conectam e desenvolvem novos entendimentos entre passado e presente, apontados por autoras como Keller

Easterling ou Anne Lacaton.

A desidratação do campo da crítica, evidente pela depreciação da utopia, vai encerrando esse capítulo enfrentando outra das formas da modernidade, a do “espaço métrico”, que na sua abstração pretendeu controlar o “espaço físico” ao largo do “espaço social”. O argumento se apoia nas sugestões de Sarah Whiting e Robert Somol, que propõem “avançar para além de uma arquitetura crítica focada em assuntos internos do discurso arquitetônico-social, assumindo uma postura proativa de considerar as melhores alternativas com base na realidade”. O tema final, “arquitetura como infraestrutura”, já foi discutido pela autora em outros textos. Os trabalhos de Lacaton e Vassal emolduram essa perspectiva, embora compareçam Price e Koolhaas, mas também uma experiência paulista, o *Arte Cidade Zona Leste* (2002), de Vito Acconci. “A arquitetura como infraestrutura é [...] aquela que permite à cidade lutar contra a estruturação do espaço urbano por processos que o tornam fechado, opaco, impenetrável, segregado e, conseqüentemente, morto”.

Brevíssima conclusão

“As ações de cada arquiteta/o são indissociáveis das próprias visões de mundo a moldar ‘realidades’”, mas cabe a nós construirmos as visões de mundo que têm sentido para nossa realidade – brasileira, latino-americana - essas visões não serão consensuais, nada pode sê-lo hoje, mas enriquecem o panorama do plausível. Contudo, essa construção pressupõe conhecimento dos processos históricos que deram origem às visões contemporâneas, ainda que vindas do norte – mas analisadas desde o sul. A complexidade é irreduzível – grande contradição –, mas destrinchá-la requer um esforço intelectual e uma erudição que ilumine o caminho do entendimento – o livro em tela é uma lanterna nesse percurso. Sua leitura nos apresenta as circunstâncias – um percurso entre outros, mas um percurso consistente – que levaram a arquitetura a seu estágio atual, e o faz de uma maneira elegante, numa escrita que facilita o entendimento.

Ficha técnica:

MARTINS, Patrícia Pereira. **Arquitetura e realidade**. São Paulo: Altamira, 2023. Coleção Arquitetura. 1ª Ed. Português. Brochura. 308 páginas. 155x225mm. 114 imagens. ISBN: 978-65-89876-06-9.

Premiação:

Finalistas 2024 do prêmio Jabuti na categoria “Ciência e Cultura - Arquitetura, Urbanismo, Design e Planejamento Urbano e Regional”.

Referências

MARTINS, Patrícia Pereira. **Arquitetura e realidade**. São Paulo: Altamira, 2023.